

A PAISAGEM URBANA DE TIRADENTES (MG): O OLHAR DO OBSERVADOR A PARTIR DOS PRESSUPOSTOS DE GORDON CULLEN

THE URBAN LANDSCAPE OF TIRADENTES (MG): THE OBSERVER'S VIEW FROM GORDON CULLEN'S ASSUMPTIONS

Karine de Almeida Paula
Eleusy Natália Miguel

RESUMO

Cada paisagem urbana traz consigo atributos, uma identidade iminente à sua formação, comunicando algo ao observador e despertando sensações e sentimentos singulares e únicos frente a um determinado fragmento. Este artigo tem como objetivo analisar a paisagem urbana do centro histórico de Tiradentes (MG) a partir de distintos pontos de observação, com o intuito de identificar diferenças, similaridades e pontos marcantes na paisagem. Foi adotada para as análises a metodologia da visão serial proposta por Gordon Cullen, aplicando-a a um trajeto previamente selecionado. De forma complementar, aplicam-se também os pressupostos de Kevin Lynch às análises. Neste percurso foram observados e registrados, por meio de croquis à mão livre, nove visadas distintas. O artigo se justifica pela importância em se explorarem os mais diversos ângulos visuais na busca pela compreensão da paisagem urbana em sua totalidade.

Palavras-chave: Paisagem histórica. Gordon Cullen. Tiradentes (MG).

ABSTRACT

Urban landscape brings with it a attribute, an identity imminent to its formation, communicating something to the observer and awakening unique and unique sensations and feelings in front of a certain fragment. This article aimed to analyze the urban landscape of the historic center of Tiradentes (MG) from different points of observation, to identify differences, similarities, and striking points in the landscape. The serial vision methodology proposed by Gordon Cullen was adopted for the analyzes in a previously selected path. In a complementary way, Kevin Lynch's assumptions are also applied to the analyzes. In this path, nine different views were observed and recorded, through sketches. The article is justified by the importance of exploring the most distinct visual angles in the quest for understanding the urban landscape in its entirety.

Keywords: Historical landscape. Gordon Cullen. Tiradentes (MG).



I. INTRODUÇÃO

Cada paisagem urbana traz consigo diversos atributos que, em conjunto, resultam em uma identidade iminente à sua formação, comunicando algo ao observador, despertando sensações e sentimentos singulares e únicos frente a um determinado fragmento. Neste sentido, é pertinente aferir que a presença do observador é um elemento determinante para a existência de uma paisagem.

Nos dizeres de Cullen (1971), a paisagem urbana pode ser definida como uma arte de se tornar coerente e organizado, de forma visual, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que conformam o ambiente urbano, e acrescenta que “[...] a paisagem urbana surge como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas” (CULLEN, 1971, p. 11). Este conceito exerceu, e ainda exerce, uma forte influência entre os arquitetos urbanistas e profissionais que estudam a paisagem a partir de um método de análise.

De uma maneira contextual, a paisagem se apresenta como um processo resultante de uma sobreposição de tempos, evidenciando modos de viver, signos e apropriações de um contexto espacial e social. Esta sobreposição temporal na construção da paisagem revela para o observador uma composição onde “lado a lado, sobrepostos, justapostos, apagados, transformados, intrincados, variados elementos, de diferentes tempos, juntos constituem a cidade e tornam o traçado urbano um híbrido de temporalidades e formas” (BOTECHIA, 2018, p. 5).

Sob o ponto de vista da arquitetura, existem diversas metodologias propostas para leitura, interpretação e descrição da paisagem urbana. Uma delas é descrita e aplicada por Lynch (1997), que tem como base estudos voltados à imaginabilidade, examinando o aspecto visual da cidade por meio do estudo da imagem mental que dela fazem os seus usuários. Já Lamas (2010) dedica seus estudos à análise dos elementos morfológicos do espaço urbano, apresentando-se como uma das principais referências no campo da morfologia urbana.

Del Rio (1990) relaciona o desenho urbano como um campo disciplinar da dimensão físico-ambiental da cidade a aspectos de morfologia urbana, percepção, análise visual e comportamento ambiental. Já Ferrara (2006) retrata, a partir da semiótica, os signos inerentes à paisagem e como eles se comunicam com o observador. Por fim, Cullen (1971) dedica suas

análises aos aspectos visuais da paisagem, elegendo elementos essenciais neste processo de experimentação e apreensão urbana.

É neste contexto que o artigo se insere na discussão acerca da construção de elementos formadores da paisagem urbana. Por este motivo, com o intuito de subsidiar as discussões, elegeu-se a cidade de Tiradentes (MG), mais precisamente o centro histórico, como um estudo de caso, com vistas a aplicar às análises os conceitos abordados principalmente por Cullen (1971) para a leitura, apreensão e percepção da paisagem urbana. De forma complementar, recorre-se aos conceitos de Lynch (1997), sobretudo o de imaginabilidade.

A cidade de Tiradentes, localizada no estado de Minas Gerais (campo das vertentes), possui aproximadamente 8 mil habitantes (IBGE, 2022) e está situada na Estrada Real¹, mais precisamente no Circuito Caminho dos Inconfidentes. Trata-se de uma cidade com características turísticas e históricas, por abarcar um acervo da arquitetura colonial brasileira datado do século XVII. Dada a importância de seu acervo histórico arquitetônico, em 1938 ocorreu, por parte do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan), o tombamento de todo o perímetro do centro histórico.

Em vista disso, pode-se deduzir que a paisagem urbana em Tiradentes se apresenta como um resultado proveniente do acúmulo de tempos, logo, as paisagens encontradas ali carregam consigo elementos e signos resultantes de diferentes tempos e modos de viver, e alcançam na atividade turística uma forma de serem consumidas, a um só tempo e ritmo. Visitar estes locais pressupõe conhecer sua dinâmica e seus significados e ainda compreender a importância daquele espaço como símbolo da história e da cultura nacional.

Neste contexto, tem-se como objetivo identificar os principais elementos formadores da paisagem urbana e histórica do perímetro urbano tombado de Tiradentes (MG) a partir dos pressupostos de Cullen (1971), no que diz respeito às categorias de análise acerca do aspecto visual da paisagem.

¹ A Estrada Real é considerada a maior rota turística do país, caracterizando-se por mais de 1.630km de extensão, passando por Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. O Instituto Estrada Real foi criado em 1999 e tem como objetivo organizar, fomentar e gerenciar o produto turístico Estrada Real. O Instituto está ligado ao Sistema da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) e possui uma equipe multidisciplinar.

Os conceitos propostos por Cullen (1971), colocados como ponto de partida para as discussões, serão complementados por noções mais recentes no que tange às reações emocionais geradas pelo espaço urbano, colocadas não somente como um resultado frente às formas visuais dos elementos que conformam a paisagem, mas também em decorrência de aspectos de memória, afetivos (LOPES; ROCHA, 2020). Para tanto, o artigo dialoga também com Careri (2013) no que se refere ao caminhar como uma forma de observar as paisagens e de criar novas paisagens.

O artigo se justifica dada a importância de se estudarem as problemáticas inerentes à paisagem urbana de pequenas cidades, sobretudo cidades turísticas e patrimoniais, procurando os mais distintos ângulos visuais na busca pela compreensão da paisagem urbana em sua complexidade e totalidade. Compreender o conhecimento produzido no espaço urbano resulta numa forma de representá-lo, relatá-lo ou, até mesmo, no exercício de traduzi-lo (MAZIERO; BONAMETTI, 2015).

Ao analisar uma paisagem urbana, ressaltam-se elementos singulares daquele espaço que o diferencia dos demais. Estudar as paisagens urbanas, sobretudo as patrimoniais, é uma tentativa de reafirmação destes espaços como lócus de particularidades e de memória urbana. De acordo com Goya (1992), a visualização do patrimônio histórico-cultural pode revelar ao observador relações espaciais de um determinado tempo, assim como intenções plásticas próprias.

Neste contexto, o trabalho em questão está balizado no seguinte questionamento: quais seriam os principais elementos formadores da paisagem urbana do centro histórico de Tiradentes a partir da ótica de Gordon Cullen (1971)?

2. METODOLOGIA

Em termos metodológicos, o artigo se classifica como exploratório e descritivo, sendo o levantamento e sistematização das informações divididos em fases, recorrendo-se, de forma geral, a pesquisa bibliográfica, visitas a campo, registros fotográficos e elaboração de croquis à mão livre. As imagens selecionadas revelam o olhar do observador frente à paisagem e se apresentam como registros de determinados pontos presentes no centro histórico, escolhidos aleatoriamente.

Com o objetivo de facilitar a análise da paisagem e a identificação dos elementos mais simbólicos a ela pertencentes, recorreu-se à metodologia proposta por Gordon Cullen (1971) em sua obra **Paisagem urbana**, principalmente no tocante à visão serial, local e conteúdo. A partir do método da visão serial, foi definido um percurso que proporcionasse o alcance de distintas e variadas perspectivas, importantes para a apreensão do conjunto urbano. Conforme já mencionado anteriormente, a visão serial se apresenta como um método de leitura e análise do espaço, que corresponde a um registro de uma série de visadas obtidas ao longo de um trajeto, com o intuito de gerar uma percepção sequencial da paisagem.

O trajeto analisado é composto a partir da seguinte sequência: o ponto de partida inicia-se no Largo das Forras, seguindo em direção à Rua Direita, passando pela Rua da Câmara e terminando na Igreja Matriz de Santo Antônio, totalizando cerca de 600m de trajeto, conforme demonstrado na Figura 1.

Mediante definição do trajeto definido, tem início o deslocamento pelo percurso. Com uma prancheta e material de desenho são registradas visadas distintas por meio de croquis e fotografias. A técnica do desenho de observação se apresenta como uma forma de aproximação entre o observador e a paisagem. Trata-se de um exercício que requer não somente técnica, mas também um estímulo à percepção visual.

O caminho delimitado foi percorrido num dia de outono no período da tarde. Estava um dia frio, mas o sol e o céu mais limpos faziam com que a sensação térmica fosse agradável. A menção às condições do tempo e horário da observação se apresentam de grande relevância na interpretação e vivência do lugar.

A proposta de utilização do croqui como uma técnica decorre em favor de uma maior atenção à paisagem, não havendo um aprisionamento em questões estéticas, mas, sim, uma forma de expressar aquilo que os olhos captam e, em seguida, transmiti-los ao papel. Dispor-se a desenhar e a retratar a paisagem, por meio de croquis, permite ao observador, assim como em distintas práticas artísticas, capturar a beleza por meio do sentir pessoal, fazendo com que a ilustração caracterize o ponto de vista desse observador, interpretando uma obra arquitetônica sobre um papel (BAYONA JARAMILLO, 2016).

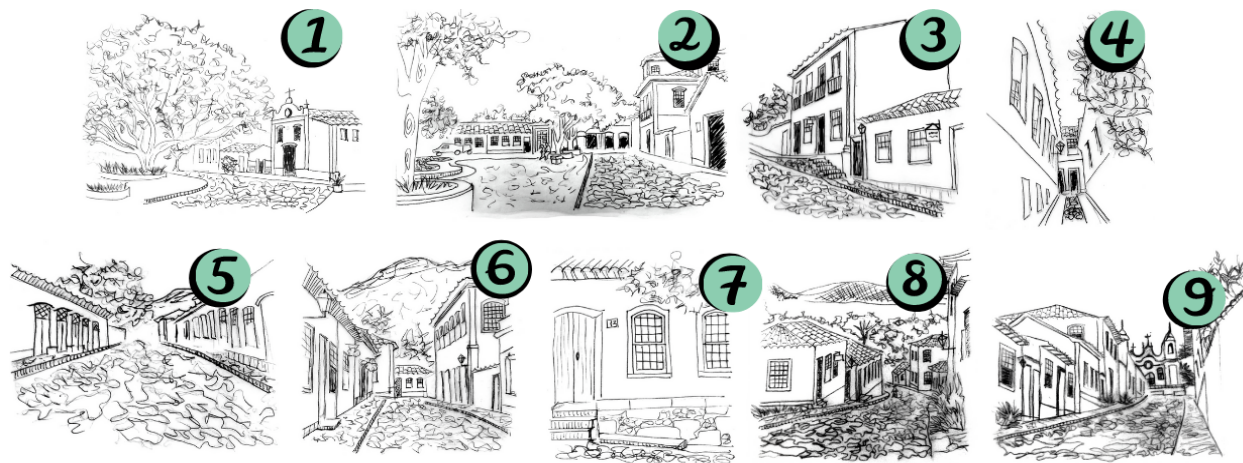
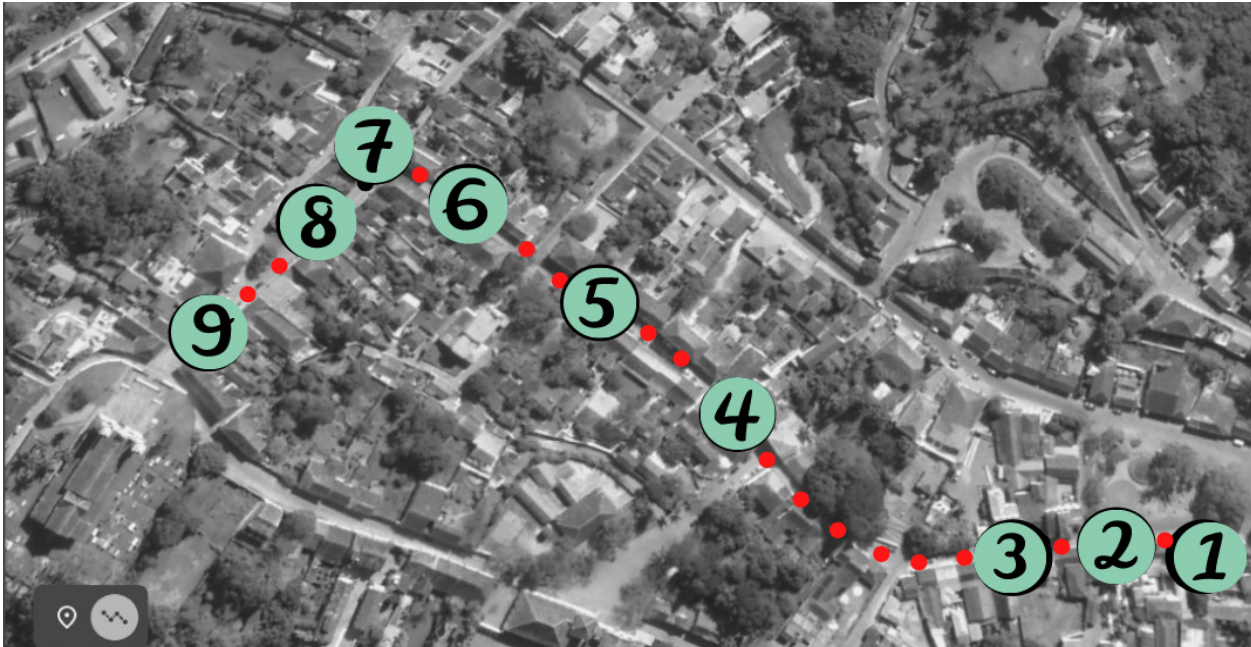


Figura 1 – Vista aérea do Centro Histórico com o trajeto onde foi realizada a visão serial e seus respectivos pontos. Fonte: Google Earth (2021, modificada pelas autoras) e croquis de própria autoria (2021).

3. A CONSTRUÇÃO VISUAL DA PAISAGEM URBANA: A DIMENSÃO ÓTICA, PERCEPTIVA E SENSORIAL

Cullen (1971) lança em sua obra o conceito de paisagem urbana, entendida como arte de tornar coerente e organizado, de forma visual, o emaranhado de edifícios, ruas e os vários espaços que conformam o ambiente urbano. O conceito proposto pelo autor foi elaborado nos anos 1960 e ainda hoje é muito utilizado em estudos envolvendo a paisagem. Isso se justifica devido à possibilidade de realizar análises sequenciais e dinâmicas da paisagem a partir de premissas estéticas, ou seja, quando os elementos e jogos urbanos suscitam impactos de ordem emocional.

O objetivo maior na obra de Cullen (1971) é explorar o drama e os efeitos emocionais sentidos, principalmente, a partir da experiência visual do observador frente ao conjunto edificado, baseando-se numa análise intuitiva e artística da paisagem urbana. Dessa maneira, o autor apresenta três formas nas quais o ambiente pode desencadear respostas emocionais: perspectiva ótica, local e conteúdo.

A primeira é a perspectiva ótica, fazendo alusão às reações desencadeadas a partir de experiências visuais e estéticas dos percursos, edificações, detalhes, espaços. Neste momento, o autor elege um conceito muito importante em sua análise, o de visão serial, correspondendo à maneira pela qual o observador percebe visualmente uma paisagem ao se deslocar.

A próxima é o local, denotando um sentido topológico e se relacionando à posição do observador em relação a um conjunto de elementos que corresponda à paisagem mais imediata. São exploradas sensações de pertencimento, proteção, domínio e territorialidade.

E, por fim, completando a tríade, o conteúdo, referindo-se aos significados percebidos pelo observador em sua experiência no espaço, mediante elementos tais como cores, texturas, estilo e escala. A composição e a justaposição de elementos visuais de forma a emitir uma grande variedade de mensagens desperta no observador sentimentos de primazia pelo que observa.

Do ponto de vista de Lynch (1997), o observador, ao percorrer uma cidade, tende a captá-la formando imagens mentais que podem dezoar de observador para observador em decorrência das experiências vividas naquele espaço. Sua obra centrou-se em duas características chave para a

análise da percepção urbana. O primeiro deles é o de legibilidade, considerada uma das mais importantes qualidades visuais e se referindo à “[...] facilidade com que suas partes podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente.” (LYNCH, 1997, p. 3). É importante destacar que a legibilidade, à qual Lynch (1997) faz menção, refere-se àquela resultante dos aspectos visuais de uma cidade, não levando em consideração esquemas não visuais (numeração, indicação).

A legibilidade está ancorada à questão perceptiva dos espaços, colocando-se como a forma pela qual o observador capta os principais elementos constituintes da paisagem, fazendo com que possa se estabelecer ou não um vínculo com o ambiente construído. Nos dizeres de Tuan (1980, p. 4), a “percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”.

Conforme pontua Goya (1992), geralmente a cidade é percebida não como um todo, mas de forma fragmentada, ou seja, por partes, tais como os percursos do cotidiano, o caminho até o trabalho, a escola, a padaria, o banco. Todos os sentidos estão envolvidos nesta percepção, fazendo com que a imagem resultante seja marcada por determinados trajetos e materializada por lembranças e significados.

À vista disso, questões perceptivas e de legibilidade podem ser correlacionadas ao que é pontuado como a imaginabilidade, colocado como “[...] a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado” (LYNCH, 1997, p. 11). Sendo assim, o conceito se direciona “[...] àquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas” (LYNCH, 1997, p. 11).

A produção de imagens mentais de um dado percurso varia de indivíduo para indivíduo, tendo uma relação direta com o repertório cultural, o poder aquisitivo, o horário do dia, mas de uma maneira geral parece existir uma imagem comum entre indivíduos de um mesmo grupo. É justamente essa imagem que se coloca como importante, no sentido de preservação, fazendo com que seja resgatada uma memória coletiva, tornando-se um instrumento de identificação, de pertencimento entre os cidadãos e sua cidade. Tal fator contribui para que a cidade se aproprie do sentido de lugar para os seus moradores (GOYA, 1992).

Ao realizar uma leitura da paisagem urbana, é possível observar diversos elementos visuais e não visuais que a compõem. Para Ferrara (2006), a cidade se apresenta como um texto não verbal, colocando-se como uma rica fonte informacional em estímulos criados por meio de uma forma industrial de vida e de percepção. Na cidade, o texto verbal é finalmente liberto da sucessão gráfica dos caracteres e passa a ser adicionado “[...] aos índices dispersos em quilômetros de ruas, ruídos, luzes, cor e volume” (FERRARA, 2006, p. 20).

Ainda é possível acrescentar que “[...] os textos não verbais acompanham nossas andanças pela cidade, produzem-se, complementam-se, alteram-se ao ritmo dos nossos passos e, sobretudo, da nossa capacidade de perceber, de registrar essa informação” (FERRARA, 2006, p. 20). Dessa maneira, é aceitável crer que seria esse registro o responsável por transformar os textos não verbais em marcos referenciais de uma cidade, ou seja, fazendo com que estes marcos concentrem os objetos e os símbolos urbanos mais elementares.

6 4. A PAISAGEM URBANA CONSTRUÍDA: OS ELEMENTOS VISUAIS E SIMBÓLICOS NO CENTRO HISTÓRICO DE TIRADENTES

Ao abordar as análises da paisagem do centro histórico de Tiradentes (MG), considera-se que o fundamento da ótica se dá a partir do deslocamento do indivíduo por meio de uma sucessão de surpresas e revelações. Por exemplo, em uma rua reta, sem nenhum tipo de contraste, tem-se um impacto visual muito pequeno, que é assimilado muito rapidamente, tornando o passeio um tanto quanto monótono. Diferente de uma localidade com espaços dotados de cheios e vazios, contrastes espaciais e de cores (CULLEN, 1971).

Já o local remete às reações do usuário perante sua posição no espaço, referindo-se às sensações provocadas em decorrência de espaços abertos e fechados. A questão dos contrastes se mantém, e o indivíduo passa, mediante as diferenças mantidas na paisagem, a sentir uma experiência plástica que oscila entre zonas de tensão e tranquilidade, compressão e vazio (CULLEN, 1971).

Por fim, o conteúdo, que, nos dizeres de Cullen (1971), relaciona-se de forma direta à constituição da cidade, estendendo-se a cor, textura, escala e estilo, trazendo individualidade e identidade à paisagem.

Todas estas características foram levadas em consideração ao percorrer o trajeto proposto para análise no centro histórico de Tiradentes, fazendo com que o observador, ao se deslocar pela cidade, possa ser surpreendido por pequenos detalhes que tornam o seu caminhar mais atraente e ressignificado. Para Careri (2013, p. 27), foi através do caminhar que “[...] o homem começou a construir a paisagem que o circundava.” É justamente por meio do caminhar que, no último século, foi possível a formação de categorias que auxiliam na interpretação da paisagem urbana (CARERI, 2013).

As possibilidades colocadas ao caminhar pela cidade, como alternativa de reconhecimento de paisagens, de interpretação e de relacionamento, pautaram, em muito, os registros ao longo do percurso analisado no centro histórico de Tiradentes. Careri (2013) defende a ideia de que o caminhar pela cidade se apresenta como um instrumento crítico e um modo de olhar a paisagem. Dadas as devidas proporções, o trabalho deste autor teve uma influência direta no modo de interpretar o caminhar como um ato de flunar pelo centro histórico e como um elemento importante na construção da paisagem local.

Neste sentido, ao percorrer o trajeto proposto, foram observados pontos da paisagem onde foi possível identificar diversos elementos, que, juntos, conformam cenários distintos e que materializam e representam uma forma de se construir de uma época. Uma arquitetura que traduz um conceito de uma sociedade, mas também padrões econômicos e religiosos que caracterizam o período colonial brasileiro; mas, além disso, trazem à tona elementos de representatividade, memória e identidade.

A seguir é apresentada uma sistematização do trajeto percorrido, com o ponto de início no Largo das Forras e término na Rua da Câmara, nas proximidades da Igreja Matriz de Santo Antônio (Figura 2). Nesta sistematização, além do trajeto, são representados os principais pontos de observação e os croquis correspondentes, assim como a categorização das vistas a partir dos conceitos propostos por Cullen (1971).

Seguindo pelo trajeto proposto, o primeiro ponto marcado se insere no Largo das Forras. A paisagem vista se apresenta com uma forte relação ao

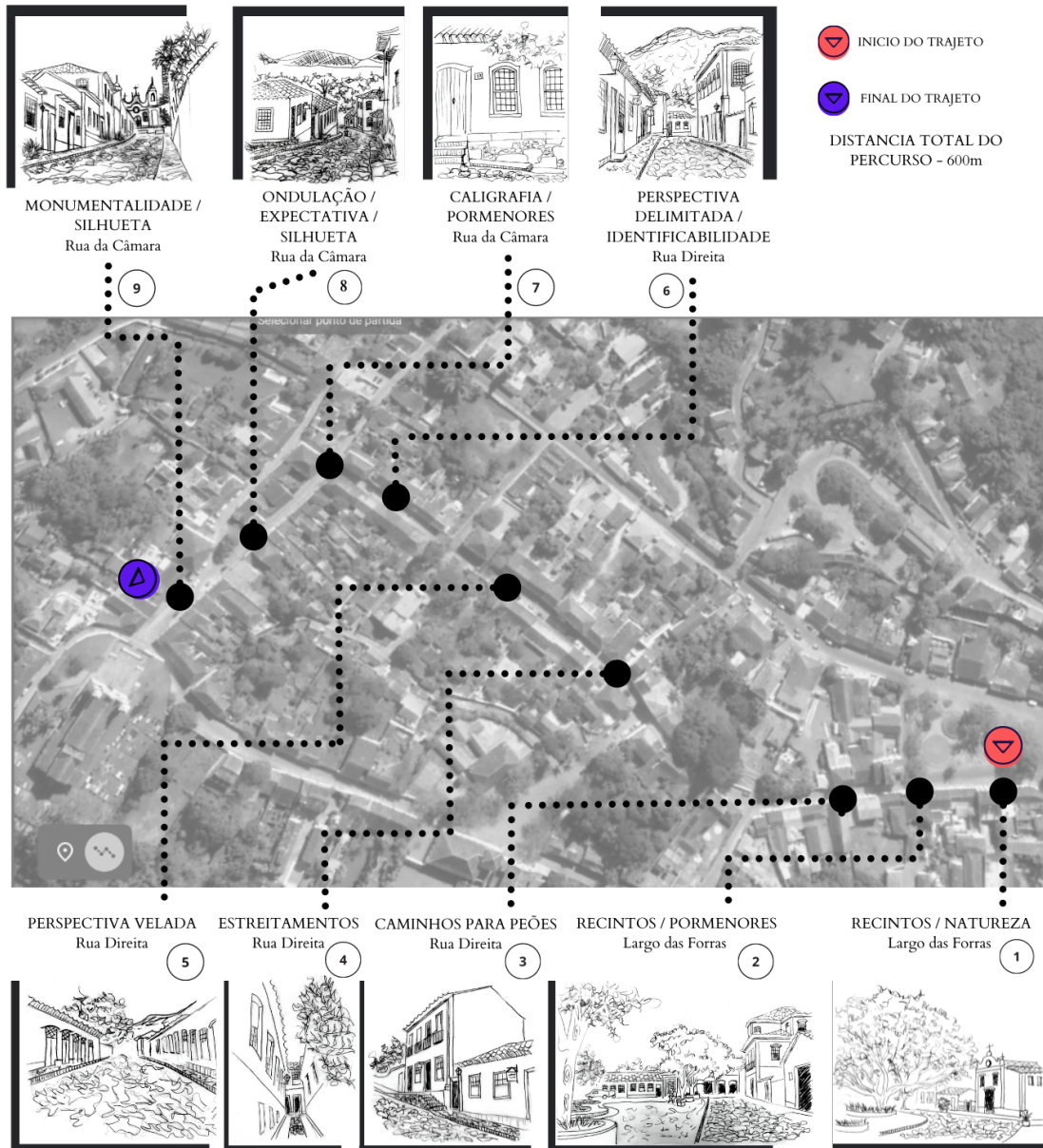


Figura 2 – Trajeto proposto para visão serial com as suas respectivas visadas e os conceitos atribuídos a cada uma delas.
 Fonte: Google Earth (2021, modificada pelas autoras) e croquis de própria autoria (2021).

elemento natural, muito imponente no local e sua associação ao casario do entorno.

No centro histórico de Tiradentes há muitas espécies de vegetação e árvores que, conforme Lamas (2010), levam a uma caracterização de alguns fragmentos da paisagem. De acordo com Cullen (1971, p. 84), “entre os elementos naturais que compõem a paisagem urbana, a árvore é, sem dúvida, o mais frequente, e a relação entre árvores e cidades tem uma longa e respeitável tradição”. Lamas (2010) também corrobora essa ideia ao destacar a árvore e a vegetação como um dos seus elementos de análise da morfologia urbana. Para o autor, a presença desses elementos leva a uma caracterização da imagem da cidade, denotando uma individualidade própria e desempenhando funções precisas. Trata-se de elementos de composição e de desenho urbano, que se destinam a organização, definição e contenção de espaços.

Ao caminhar um pouco mais a frente, tem-se uma segunda perspectiva da praça, que revela um espaço caracterizado pelo *recinto* de Cullen (1971). Trata-se de um espaço onde paira, em seu interior, “[...] o sossego e a tranquilidade de sentir que o largo, a praceta, ou o pátio têm escala humana” (CULLEN, 1971, p. 27). A integração com a natureza ainda continua, e percebe-se uma certa nostalgia no espaço, conferido, por vez, pelo casario colonial e seus *pormenores*.

Os *caminhos para peões* retratados por Cullen (1971) também podem ser visíveis no terceiro ponto, que, associado ao elemento textura, traz ainda mais representatividade e legibilidade à paisagem. A rede de caminhos para peões possibilita transformar “[...] a cidade numa estrutura transitável, ligando os diversos locais por meio de degraus, pontes, pavimentos com padrões distintos, ou por quaisquer outros elementos de conexão que permitam manter a continuidade e acessibilidade” (CULLEN, 1971, p. 56).

Nas proximidades do quarto ponto, outro elemento interessante, e muito notado nas vias do centro histórico de Tiradentes, seriam os *estreitamentos*, representados, muitas das vezes, pelos becos e vielas.

A aproximação de dois grupos de edifícios nos dizeres de Cullen (1971, p. 47), “[...] resulta numa espécie de pressão, numa proximidade inevitável do pormenor, que contrasta diretamente com as características da praça, do lago ou das grandes avenidas de um modo geral”. Tais elementos não impedem a circulação de pedestres e veículos. No caso específico dos

becos de Tiradentes, estes são mais utilizados para circulação de pedestres. Os becos, no século XVII, tinham a importante função de interligar os principais pontos da vila, sendo denominados de eixos de servidão. Assim, colocavam-se como atalhos aos escravos na tentativa de evitarem o trânsito nas principais ruas de Tiradentes.

Seguindo o trajeto, no quinto ponto, destaca-se a presença da *perspectiva velada*. É possível observar tal elemento de análise proposto por Cullen (1971) presente na Rua Direita. A árvore disposta na rua oculta a visão do observador para o que há além do alcance. Segundo Cullen (1971, p. 44) a perspectiva velada atribui um caráter dramático à paisagem, à medida que “[...] deparamos, inesperadamente, com algo que até o momento nos havia sido ocultado”.

As ruas do centro histórico de Tiradentes guardam consigo singularidades e elementos visuais marcantes na paisagem, fazendo com que o olhar do observador seja projetado para diversos níveis e planos. No sexto ponto de análise, é possível observar a prevalência de dois conceitos de Cullen (1971): a *perspectiva delimitada* e a *identificabilidade*.

A perspectiva delimitada se projeta ao fundo da paisagem, com a inserção dos edifícios e da própria Serra de São José, convidando o observador a recuar para contemplá-la. Mesmo se mostrando como algo inorgânico, em muitos casos, e puramente arquitetônico, ainda assim é suscetível a adaptações. No caso da Rua Direita, as visadas direcionadas para a porta e as janelas coloniais ao fundo acabam por preencher o olhar do observador.

A identificabilidade mencionada se justifica dada a própria singularidade do lugar, mas, principalmente, devido aos elementos que agregam identidade e reconhecimento legível perante o observador. O calçamento de pedras se torna um elemento singular, estritamente aliado às cidades do período colonial. Somado à identificabilidade e em referência ao tipo de calçamento, é plausível fazer menção ao conceito de textura. Neste conceito em particular, Cullen (1971) defende a importância da percepção sensorial das paisagens, sobretudo por parte do arquiteto-urbanista, fazendo com que a experimentação das texturas seja um estímulo para se descobrir o universo cotidiano das paisagens.

Transpondo para uma análise a partir de Lynch (1997), é possível relacionar à questão da identificabilidade também a questão da imaginabilidade, haja

vista que as construções, e todo o contexto construído das vias do centro histórico se apresentam muito distintas de vários outros locais urbanos, fazendo com que “[...] aquela forma, cor ou disposição facilite a criação de imagens mentais claramente identificadas” (LYNCH, 1997, p. 11).

A paisagem urbana de Tiradentes é muito rica em detalhes. Um detalhe que ressalta na paisagem pode ser observado nas sacadas de alguns dos casarões, onde a estrutura em metal dos guarda-corpos revela uma graciosidade e leveza de traços. A este tipo de configuração, Cullen (1971) denominou *caligrafia*.

Além das caligrafias, destacam-se também os *pormenores* descritos pelo autor. Trata-se de detalhes que enriquecem a paisagem e o olhar do observador, como podem ser vistos no sétimo ponto, ao serem destacados os pormenores das janelas com suas cores, gradeamento em branco e seu formato em guilhotina, típico do período colonial.

Ao caminhar pelas ruas, notam-se certas características marcadas pela *ondulação* e que configuram o oitavo ponto. Trata-se de caminhos que tendem a acompanhar a sinuosidade natural do terreno, mas que não se apresentam sem objetivo, pelo contrário, se remetendo a um

[...] desvio obrigatório a um eixo ou norma invisíveis, com vista a proporcionar o prazer de coisas tão elementares e vitais como a luz e sombra (o contrário da monocromia), ou proximidade e distância [...] qualquer que seja a forma como se apresente, revela toda a gama de possibilidades contida numa dada situação (CULLEN, 1971, p. 48).

Associado à ondulação tem-se a expectativa, em que o primeiro plano se torna visível e conhecido ao observador, no entanto, o segundo, não, tornando-se algo desconhecido, infinito, misterioso, despertando no indivíduo a curiosidade quanto ao cenário transposto ao final da rua.

Ainda concernente ao oitavo ponto, é possível associá-lo à questão da silhueta, principalmente considerando-se a morfologia da Serra de São José ao fundo; ou seja, a partir de uma paisagem vista com refinamento e graciosidade, no sentido de suas linhas mais curvas e formas, nota-se um contraponto à ideia de grandes blocos edificadas com linhas de cobertura semelhantes delimitando possivelmente terraços. Ao contrário, a paisagem ilustrada revela “[...] os rendilhados, as filigranas e os coro-

amentos [...] para capturar o céu e ligando-o assim à terra” (CULLEN, 1971, p. 42).

O centro histórico apresenta como pontos marcantes monumentos principais, tais como grandes casarões, edifícios políticos administrativos e, principalmente, as igrejas, localizadas em pontos de destaque no relevo. Dessa maneira, o cenário colonial se materializa a partir da monumentalidade, representado, principalmente, pelas igrejas, como elementos que auxiliam na construção da legibilidade da paisagem. Tal contexto se materializa ao final do trajeto, no nono ponto, onde tem-se a presença de uma das vistas da Igreja Matriz de Santo Antônio, um dos marcos da cidade. É muito interessante notar como a própria morfologia da paisagem direciona o olhar do observador ao monumento ao fundo, dotado de imponência e influência no século XVII (Figura 10).

A grande maioria das paisagens analisadas fazem referência à rua, e, conseqüente, expõem as fachadas coloniais, elementos singulares do centro histórico de Tiradentes. A rua se apresenta como um espaço público livre; é por meio dela que ocorre a apropriação da cidade e onde, de fato, a sensação do caminhar se sucede.

A fachada, tida como um plano marginal por Lamas (2010, p. 94), se caracteriza, na cidade tradicional, pela “[...] relação do edifício com o espaço urbano”. A importância da fachada vai se dar em decorrência da posição hierarquizada que o lote irá possuir no quarteirão. São estas fachadas que imprimem características e uma linguagem arquitetônica, de tal maneira que podem ser consideradas “[...] um conjunto de elementos que irão moldar a imagem da cidade [...] através das fachadas dos edifícios (e dos seus volumes) que se definem os espaços urbanos” (LAMAS, 2010, p. 96).

Até o momento, o artigo ateu-se aos elementos visuais da paisagem, visíveis aos olhos do observador, porém, é importante destacar também as possibilidades de comunicação da paisagem “[...] por meio de suas imagens invisíveis e contextualizadas nas impressões dos indivíduos ocupantes do lugar” (MAZIERO; BONAMETTI, 2015).

Tais elementos remetem a questões subjetivas e são compartilhadas por meio de sensações, sentimentos e memórias, despertadas diante de uma paisagem. Acredita-se que a paisagem urbana do centro histórico de Tiradentes desperte impressões variadas nos turistas, e, também, nos mora-

dores. Por ser uma cidade histórica, a questão da memória e da cultura é algo inerente à construção de sua paisagem.

De maneira geral, ao percorrer o trajeto proposto, considera-se que a descrição dos principais elementos visuais que compõem a paisagem materializa a possibilidade de um “[...] percurso como estrutura narrativa” (CARERI, 2013, p. 31), evidenciando elementos singulares formados a partir de uma sobreposição de tempos. Conforme ressalta Cullen (1971), quando o observador se depara com um conjunto de edifícios, este é capaz de exercer um poder de atração visual que muitas vezes não é alcançado por uma edificação isolada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda paisagem, em geral, pode ser rica em interpretações e sensações nas diversas vivências do observador com o lugar. Nesta perspectiva, este artigo buscou analisar a paisagem urbana do centro histórico de Tiradentes (MG) à luz de diferentes autores e suas abordagens, mas, sobretudo, focando nos elementos visuais propostos por Cullen (1971). A partir das observações, notou-se uma riqueza arquitetônica e urbanística na paisagem, revelando-se composições pitorescas, misteriosas e capazes de atrair o olhar do observador. Como bem pondera Cullen (1971), a paisagem não é formada apenas por uma única edificação – a isso dá-se o nome de arquitetura, sendo a paisagem a composição de dois ou mais elementos.

A paisagem pode ser descrita como tudo aquilo que os sentidos humanos podem captar, e esta apreensão pode se dar por meio da música, de quadros, pinturas, memórias e, especificamente neste artigo, a partir da observação ao caminhar. Dadas as características do seu conceito, os estudos que versam sobre a paisagem, por vezes, podem apresentar-se sob um viés subjetivo, sociocultural, tendo a figura do observador como um elemento central e importante.

Num contexto mais geral, as paisagens não podem ser vistas como um cenário estático, mas, sim, mutável, em que o observador a percebe por meio de uma sucessão de quadros visuais. Logo, para serem interessantes, estes quadros devem ser dinâmicos e esconder surpresas, significados, texturas, relações visuais e vistas (DEL RIO, 1995). À medida que a paisagem passa a despertar curiosidade e atenção, o observador se sente mais

convidado a caminhar por entre os mais diversos percursos que a compõem, estimulando a sua percepção acerca do ambiente.

Em alguma medida, os estudos da paisagem se colocam como possibilidades de valorização das formas constituintes, tendo se colocado como reconhecimento de valores de legibilidade. No campo da arquitetura e urbanismo, os estudos da paisagem possibilitam um diálogo com campos interdisciplinares, sempre prezando por espaços de significado, pertencimento e identidade ao usuário.

Especialmente em relação ao centro histórico de Tiradentes, foi possível observar uma paisagem caracterizada por elementos singulares que lhe denotam uma identidade e reforçam a construção da imaginabilidade de seus espaços. É claro que a paisagem estudada se estende a um contexto histórico peculiar – um registro de uma construção de um tempo – e à construção de pequenos cenários que visam atrair o turista. Mas é inegável a presença de elementos pictóricos, assim como o poder de atratividade que esses podem exercer no observador.

Dessa maneira, a aplicação de metodologias que visem compreender a forma como o ambiente construído influencia a percepção sensorial e a forma como o usuário utiliza o espaço possibilita uma melhor compreensão, análise e descrição de um arsenal de elementos que, juntos, conformam a paisagem urbana.

Ao optar pela ilustração e registros no formato de croquis à mão livre, o estudo também reforça a importância da observação e interpretação da paisagem, de sua arquitetura e a sua tradução para o papel. Tal prática se coloca muito importante nos estudos e disciplinas que versam sobre a paisagem urbana, devendo ser mais difundida e ampliada aos estudantes de Arquitetura e Urbanismo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYONA JARAMILLO, Sebastián. O croqui como método essencial de representação. *ArchDaily*, [s. l.], 27 fev. 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/782756/o-croqui-como-metodo-de-representacao-essencial>. Acesso em: 4 jun. 2021.

BOTECHIA, Flavia Ribeiro. A longevidade dos elementos da forma urbana. *Revista de Morfologia Urbana*, Porto, v. 6, n. 1, p. 5-15, 2018. DOI: 10.47235/rmu.v6i1.23.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: G. Gili, 2013.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. São Paulo: Edições 70, 1971.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

DEL RIO, Vicente. Paisagens, realidade e imaginário: a percepção do cotidiano. **Paisagem Ambiente e Ensaios**, n. 7, p. 93-101, jun. 1995.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GOYA, Paula Landin. Percepção do espaço urbano: análise da valorização de paisagens urbanas. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 4, p. 121-127, 1992. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i4p121-127.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Cidades. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/tiradentes.html>. Acesso em: 15 abril 2023.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 4. ed. Lisboa: Calouste, 2010.

LOPES, Ricardo; ROCHA, Josielle. Paisagem urbana de Gordon Cullen: uma leitura atualizada em Niterói (RJ). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM URBANISMO, 12., 2020, São Paulo; Lisboa. **Anais [...]**. Barcelona: UPC, 2020. DOI: 10.5821/SIIU.9726.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1997.

MAZIERO, Lucia Teresinha Peixe; BONAMETTI, João Henrique. Comunicação do espaço urbano: signos da paisagem. **Arquitextos**, ano 16, n. 186.01, 2015. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.185/5831>. Acesso em: 30 maio 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

Nome completo: Karine de Almeida Paula
Instituição: Centro Universitário de Viçosa, Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Endereço: Av. Maria de Paula Santana, 3815, Silvestre, Viçosa – MG, CEP: 36576-340
CV: <http://lattes.cnpq.br/4767789776559429>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1070-6253>
karinealmeida.ufv@gmail.com

Nome completo: Eleusy Natália Miguel
Instituição: Centro Universitário de Viçosa, Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Endereço: Av. Maria de Paula Santana, 3815, Silvestre, Viçosa – MG, CEP: 36576-340
CV: <http://lattes.cnpq.br/7779406582830639>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9464-0820>
eleusy.arq@gmail.com

Recebido em: 23/06/2021
Aprovado em: 01/05/2022